

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16936 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

**A PARTILHA DO SENSÍVEL: EXPERIÊNCIAS QUE (SUB)EXISTEM NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA**

Tamara Insauriaga Bueno - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

Maiane Liana Hatschbach Ourique - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

**A PARTILHA DO SENSÍVEL: EXPERIÊNCIAS QUE (SUB)EXISTEM NA CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA**

**RESUMO:** A pesquisa busca entender as possibilidades de ampliação da experiência estética na formação inicial, enfocando a construção de uma docência compreensiva e profundamente conectada com as múltiplas dimensões da sensibilidade humana. Fundamentada nos estudos de Hermann, Adorno e Galard, a experiência estética é vista como uma produção de sentido que vai deixando marcas sensíveis nos indivíduos em uma trama de linguagem, trabalho, poder e afeto. A pesquisa envolve dez entrevistas narrativas com alunas do último semestre do curso de Pedagogia de uma instituição pública. A análise qualitativo-hermenêutica sinaliza que a formação estética é frequentemente associada apenas a práticas artísticas, ignorando seu potencial formativo integral. Propõe-se pensar estratégias curriculares para fortalecer a dimensão autoformativa e as experiências estéticas na prática docente, visando uma docência compreensiva que valorize as experiências sensíveis dos professores e de seus futuros alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação de Professores. Experiência Estética. Pedagogia.

Pensar em nossa própria formação acadêmica revela-se uma caminhada não linear por entre nossas experiências mais marcantes. Nesse sentido, enquanto pesquisadoras da área da formação de professores, perguntamo-nos: o que torna as experiências que hoje lembramos marcantes? Dentre todos os anos de formação, disciplinas cursadas, estudos, seminários e viagens, por que algumas experiências (sub)existem? Quais experiências são testemunhadas por nossos professores ao longo da formação inicial e que nos permitem revisitar nossas experiências? A presente pesquisa, já desenvolvida em nível de Mestrado, tem como objetivo principal entender as possibilidades de ampliação da experiência estética na formação inicial, enfocando a construção de uma docência compreensiva e profundamente

conectada com as múltiplas dimensões da sensibilidade humana.

Aqui, abordamos a experiência estética com base nos estudos de autores como Hermann (2005), Adorno (1993) e Galard (2008). Entende-se que essas experiências dizem respeito à produção de sentido, às marcas sensivelmente deixadas em quem as vivencia e as situa em uma trama espaço-temporal de linguagem, trabalho, poder e afeto. Buscando uma perspectiva que enxergue o humano nas relações traçadas, nos ambientes ocupados e nos diálogos construídos ao longo da formação, essas experiências formativas convidam e oportunizam os sujeitos à produção de novos significados e conhecimentos. Ao encontro dessa concepção de estética, a ideia de docência compreensiva vai sendo construída em consonância com os escritos de Nóvoa (2009), Benjamin (2012) e Honneth (2009). Ela é compreensiva por se ancorar na premissa de que a formação do sujeito ocorre por meio da autoformação, na medida em que as linhas da historicidade, da narratividade e da solidariedade vão contribuindo para configurar as trajetórias docentes. É uma docência que reconhece a unidade na multiplicidade, dialógica e inclusiva, acolhendo as crenças, realidades e infâncias dos sujeitos na sua formação.

Buscando então aprofundar a discussão sobre a formação estética na formação inicial de professores, nossa pesquisa foca em dez entrevistas narrativas com alunas do último semestre do curso de Pedagogia de uma instituição pública, conduzidas sob as perspectivas de Abrahão (2003). A autora dialoga sobre a capacidade das narrativas de superar uma visão interacionista, dando espaço para os marcos que cercam as histórias de vida dos sujeitos, sejam eles sócio-político-culturais e/ou econômicos. Centramos nossas discussões nas entrevistas narrativas como forma de evidenciar alguns caminhos de entendimento para a problemática levantada. Ao longo de todo o percurso da pesquisa, tendo como base os trabalhos de Habermas (1987), conduzimos um debate de caráter qualitativo-hermenêutico. Esta proposta integra tanto a dimensão estética quanto uma perspectiva compreensiva da hermenêutica, permitindo uma análise profunda e reflexiva dos dados coletados. A dimensão estética refere-se à capacidade de capturar e interpretar as experiências sensíveis e os significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos, possibilitando a compreensão e a crítica das interpretações emergentes. A abordagem hermenêutica sustentou a leitura dos diálogos e orientou o contato com os sujeitos da pesquisa, garantindo que as interações fossem conduzidas de maneira ética e respeitosa, promovendo um ambiente de confiança e abertura. Esse arcabouço teórico-metodológico permitiu explorar as narrativas e experiências das participantes de forma detalhada, proporcionando uma maior compreensão das complexidades envolvidas na formação docente e na partilha do sensível.

Entramos em contato com dez alunas que estavam realizando o estágio curricular no curso de Pedagogia da UFPel. Essa escolha se deve ao fato de as participantes ainda estarem em formação inicial, mas já estarem atuando como professoras de Educação Infantil. Nosso contato se deu em dois momentos, no primeiro, realizamos entrevistas narrativas individuais com todas e no segundo momento, solicitamos uma narrativa autobiográfica. Após esses momentos, mantivemos contato com as participantes por meio de redes sociais, acompanhando seus passos no final dessa trajetória. Destacamos que foi durante as entrevistas, no contato com os sujeitos, durante a partilha do sensível, que o percurso trilhado até aqui se aproximou de formas de pensar em uma docência compreensiva possível e significativa.

As entrevistas das nossas participantes convergem em três grandes pilares, aqui chamados de categorias, que são a base para uma formação docente alinhada a tudo aquilo que é entendido como pertencente ao horizonte da profissão do professor. A primeira categoria que elencamos entre as narrativas é: As relações primárias como ponto de partida, meio e fim. Esse nome se deve à percepção de que independente do *início* da caminhada do sujeito — se ele queria ou não cursar Pedagogia, se a docência era uma vontade —, do *meio* — se ele gosta ou não do curso, se sente realizado, contemplado com a escolha que fez — ou do *fim* — se faz o curso para realização pessoal, profissional, para dar orgulho a família — as relações primárias, as pessoas com que os laços de confiança ou segurança já estão estabelecidos ao ingressar no curso tendem a ter mais influência, sendo inclusive uma condição para que o sujeito esteja em um curso de formação. Ainda, abordou-se o impacto que os primeiros encontros com os professores universitários tiveram ao longo de suas caminhadas, revelando a fragilidade com que os alunos chegam e a pressão com que lidam os professores dos primeiros semestres do curso. Em suma, essa primeira categoria pensa no papel da família e da rede de apoio dos sujeitos, se estendendo para as pessoas que passam a ser suas referências no início do curso, sejam elas professoras ou colegas.

A segunda categoria é nominada Identidade e não-identidade — constituindo sujeitos. Ela envolve a construção da identidade e a experiência da não-identidade, engloba as questões referentes à constituição das participantes, suas infâncias, suas famílias, suas crenças, seus objetivos e suas dificuldades e como tudo isso se manifesta e faz diferença ao longo da formação. Enquanto a identidade faz referência ao que nos é familiar e conhecido, a experiência da não-identidade convoca os sujeitos a justamente olhar os aspectos de si que, na formação inicial, entram em conflito com o próximo. Ou seja, frente ao encontro com o diferente, o novo e o desconhecido, os sujeitos retornam a si mesmos, buscando acomodar e aprimorar sua noção de identidade. Indo ao encontro das discussões sobre representatividade

e autoimagem, foi trazido também pelas participantes a importância de se identificar com as figuras de referência do curso, recuperando a discussão sobre um corpo docente diverso e preparado para acolher os sujeitos, em especial no início do curso, período em que os sujeitos almejam se identificar com figuras de referências para consolidar o sentimento de pertencimento.

A terceira categoria é descrita como Imagens refletidas, apropriadas e (re)construídas. Aqui, as participantes narram suas percepções e crenças sobre a apropriação e internalização de conceitos que mudaram suas perspectivas educacionais, profissionais e formativas. As *imagens refletidas* são aquelas que revelam as concepções das participantes, expressadas, muitas vezes, sem perceber, via de regra são inconscientes até o momento em que o sujeito é confrontado e depara-se com outra realidade. A essas imagens que comovem as participantes, as tornando cientes das imagens refletidas e as fazendo acessar suas crenças e concepções, damos o nome de *imagens apropriadas*. Elas se fortalecem ao longo da formação, são espelhadas e perpassadas pelo coletivo, as participantes não necessariamente concordam com elas, mas as conhecem e compreendem que são inerentes à formação docente, sendo inclusive capazes de descrever essas imagens, se apropriando delas conforme a necessidade. Por fim, existem as *imagens (re)construídas*, aquelas que ao longo da formação foram alteradas, se reconstruíram mediante as experiências que as participantes tiveram, ou foram/são resultado do choque entre as imagens refletidas e as imagens apropriadas. Abordamos aqui os conhecimentos prévios dos sujeitos, os possíveis caminhos percorridos ao longo da construção de um conhecimento e como na formação inicial essas questões caminham lado a lado, sendo necessário achar um meio termo.

Ao passo que as entrevistas mostraram a partilha do sensível como um dos caminhos possíveis para uma formação e uma docência mais compreensível, também evidenciaram as lacunas que se interpõem a essa proposta formativa. As entrevistas denotam que as participantes associam a experiência estética e a formação estética exclusivamente a obras de arte e práticas a partir de linguagens artísticas. Tal concepção indicia as fragilidades das relações curriculares tecidas entre as diferentes experiências que atravessam os estudantes ao longo de sua formação docente inicial. Ou seja, a estética é desenvolvida dentro de sala de aula e apenas em contextos de ensino, relacionada, portanto, às técnicas que mobilizam a criatividade e incrementam a relação pedagógica na futura prática docente. Esta ênfase acaba por empalidecer o potencial humano e reflexivo da estética, restringindo também a possibilidade da linguagem estética apoiar a construção de sentidos e traduções do que acontece na esfera pessoal, profissional e pública dos estudantes. Assim, apesar de os sujeitos

serem convidados a pensar de forma crítica na separação entre racionalidade cognitiva e estética, eles pouco refletem sobre sua autoformação, deixando de perceber as sensibilidades e as provocações pedagógicas vividas no curso como experiências estéticas que integram o entendimento do que é ser docente.

Essa lacuna incita a reflexão sobre os modos possíveis de integrar a dimensão estética de maneira mais abrangente e contínua na formação de futuros professores. A consciência de que apenas algumas experiências persistem na formação aponta para a necessidade de uma costura entre as disciplinas ofertadas na graduação, possibilitando tanto a visibilidade das diferentes experiências dos sujeitos, quanto a compreensão do quanto elas apoiam ou resistem à formação profissional em curso. Também, com base nas categorias de análise construídas, foi possível ver que, muito embora partes da experiência da formação profissional aconteçam no bojo das experiências intersubjetivas, ora por meio de testemunhos dos professores e ora narradas pelos sujeitos em formação, precisamos de mais tempo-espço ao longo da formação inicial para que os estudantes compreendam a relação entre os saberes elaborados em suas experiências estéticas e os conhecimentos teórico-profissionais, constituindo a trajetória da formação inicial como um tempo catalisador para as conexões necessárias entre as dimensões profissional, ética, estética e política da docência.

As narrativas das participantes da pesquisa permitem observar que as experiências estéticas subsistem, não deixam de ocorrer por conta da falta de tempo-espços curriculares que permitam a construção de um sentido intersubjetivo para o que está acontecendo na vida do sujeitos em formação inicial. Mas seu potencial fica dirimido, muitas vezes limitando a formação aos saberes técnicos e a conexões rasas que subsistem. É somente quando se constitui uma relação pedagógica acolhedora e sensível que os estudantes conseguem expressar suas múltiplas experiências e relacionar acontecimentos pessoais e profissionais. É um processo de (re)construir sentidos na linguagem sobre o que é vivido ou partilhado nas diversas instâncias sociais, compreendendo a dimensão pública da docência em constituição no espaço acadêmico. Propõe-se, assim, pensar estratégias curriculares para fortalecer a dimensão autoformativa e a formação estética de maneira a promover um ambiente de discussão e reflexão, no qual os futuros professores possam explorar as experiências que lhe mobilizam durante a formação e elaborar uma compreensão partilhada da docência no contemporâneo.

Esta pesquisa ancora-se no compromisso de formar professores tecnicamente competentes e sensivelmente críticos, capazes de reconhecer e valorizar as experiências estéticas que persistem no processo formativo. Dessa forma, os professores formadores

exercem um papel importante ao sensibilizar os professores em formação com o testemunho sobre suas experiências teórico-profissionais, evidenciando o quanto a docência se fortalece na medida em que realiza as conexões entre trabalho, vida e afeto. Além disso, é importante destacar que valorizar e resgatar as infâncias dos alunos, assim como trabalhar com narrativas autobiográficas, mostraram-se poderosos dispositivos formativos e de investigação no campo da formação de professores.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria H. M. B. (2012). Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História Da Educação**, 7(14), 79–95. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Tradução Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

GALARD, Jean. **A beleza do gesto**. Trad. de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Edusp, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica: para a crítica da hermenêutica de Gadamer**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: uma relação quase esquecida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento A gramática moral dos conflitos sociais**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

OSTETTO, Luciana E; BERNARDES, Rosvita K. Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de Pedagogia e de arte. **Revista @ambienteeducação**. São Paulo:

